

Vida de Maria (VII): O nascimento de Jesus

Na contexto do Ano Mariano, publicamos hoje um texto sobre o nascimento de Jesus em Belém.

05/03/2011

Octávio César Augusto ordenou o censo dos habitantes da urbe romana. A ordem estende-se a todos: do mais rico ao mais pobre. Na Palestina, tem de se fazer de acordo com os hábitos judaicos: cada um na

sua cidade de origem. *José foi também da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, que se chama Belém, porque era da casa e da família de David para se recensear juntamente com Maria, sua esposa, que estava grávida (Lc 2, 4-5).*

Assim, com esta simplicidade, o evangelista começa a narração do acontecimento que iria mudar a história da humanidade. A viagem era longa, uns cento e vinte quilómetros. Quatro dias de caminho — se tudo decorresse normalmente — nalguma das caravanas que viajavam da Galileia para o sul. Maria não era obrigada a realizá-la; era dever do chefe de família. Mas como deixá-la sozinha, se estava quase a dar à luz? E, sobretudo, como não acompanhar José até à cidade onde — segundo as Escrituras — havia de nascer o Messias? José e Maria devem ter descoberto naquele estranho capricho do longínquo

imperador a mão do Altíssimo, que lhes guiava todos os seus passos,.

Belém era uma pequena aldeia. Mas, em virtude do recenseamento, tinha adquirido uma desusada animação.

José dirigiu-se com Maria ao oficial imperial para pagar o tributo e inscrever-se com a sua mulher no livro dos súbditos do imperador.

Depois, começou a procurar um lugar onde passar a noite. A tradição apresenta-o batendo

infrutiferamente de porta em porta.

Finalmente vai ao *khan* ou

hospedaria pública, onde sempre se pode encontrar um canto. Não era mais do que um pátio fechado por muros. No centro, uma cisterna

fornecia água; à sua volta

acomodavam-se os animais de carga e, encostados à parede, uns

alpendres para os viajantes, cobertos por um tecto rudimentar. Com

frequência estavam divididos por

tabiques formando compartimentos,

onde cada grupo de hóspedes gozava de uma certa independência.

Não era o lugar oportuno para que a Virgem desse à luz. Imaginamos o sofrimento de José, ao aproximar-se a hora do parto, por não encontrar um lugar adequado. *Não havia para eles lugar na hospedaria (Lc 2, 7)*, escreve laconicamente São Lucas. Alguém, talvez o próprio dono do *khan*, deve ter-lhes indicado que nas proximidades da aldeia,, havia grutas que se utilizavam para albergar o gado nas noites frias; poderiam talvez acomodar-se nalguma delas, até que diminuísse a aglomeração de pessoas e se libertasse algum lugar na cidade.

A divina Providência serviu-se destas circunstâncias para mostrar a pobreza e humildade com que o Filho de Deus tinha decidido vir à terra. Todo um exemplo para os que o seguiriam através dos séculos,

como explica São Paulo: *conheceis a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, fez-se pobre por vós, a fim de que vós fosseis ricos pela Sua pobreza* (2 Cor 8, 9). O Rei de Israel, o Desejado de todas as nações, o Filho eterno de Deus, vem ao mundo num lugar próprio para animais. E a Sua Mãe vê-se obrigada a oferecer-Lhe, como primeiro berço, uma manjedoura estreita.

Mas o Onnipotente não quer que passe totalmente inadvertido este acontecimento singular. *Naquela mesma região havia uns pastores, que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho* (Lc 2, 8). Eles, os últimos da terra, nómadas com os rebanhos que guardavam por conta de outros, serão os primeiros a receber o anúncio desse enorme portento: o nascimento do Messias prometido.

Apareceu-lhes um anjo do Senhor e a glória do Senhor os envolveu com a sua luz e tiveram grande temor.

Porém o anjo disse-lhes: "Não temais porque vos anuncio uma boa nova, que será de grande alegria para todo o povo..." (Lc 2, 9-10). E, depois de lhes comunicar a Boa Nova, deu-lhes um sinal pelo qual poderiam reconhecê-Lo: encontrareis o Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura (Lc 2, 12).

Imediatamente, diante dos seus olhos assombrados, apareceu uma multidão de anjos que louvava a Deus dizendo: glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens, objecto da boa vontade de Deus (Lc 2, 14).

Puseram-se a caminho. Talvez arranjassem uns presentes para obsequiar a mãe e o recém-nascido. A homenagem foi, para Maria e para José, a prova de que Deus velava pelo Seu Filho. Também eles se encheriam de gozo perante o júbilo ingénuo

daquelas pessoas e ponderariam no seu coração como o Senhor se compraz nos pobres e humildes.

Quando acabou a festa, os pastores regressaram ao cuidado dos seus rebanhos, *louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto (Lc 2, 20)*. Depois de dois mil anos, também nós somos convidados a proclamar as maravilhas divinas. *Amanheceu um dia santo; vinde, gentes e adorai o Senhor; porque uma grande luz desceu hoje à terra* (Terceira Missa de Natal, aclamação antes do Evangelho).

J.A. Loarte